

boletim paradigma



vol 04
ago 2009

**O comportamento verbal do cientista:
reflexões em tempos de produtividade científica**

**Roberto Alves Banaco entrevista
Emmanuel Zagury Tourinho**

Resenha
“Subjetividade e relações comportamentais”

Do que é feito um terapeuta infantil?

História de Vida
Dra. Rachel Rodrigues Kerbauy

Comportamento e cultura em “O Nome da Rosa”

Ganhadores do II Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento

Revista Perspectivas em Análise do Comportamento

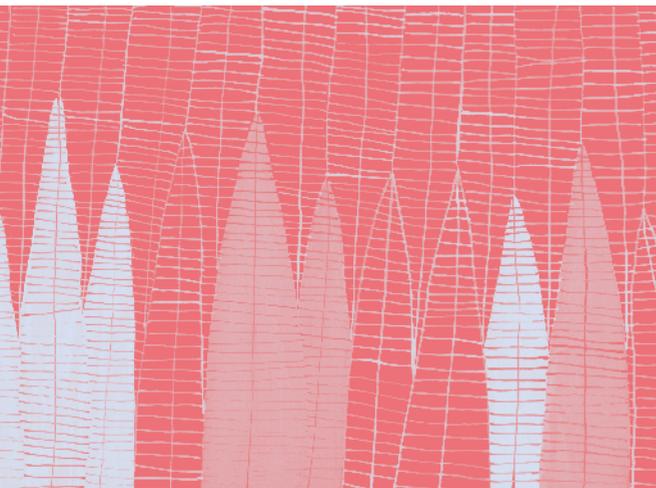


Ilustração da capa: Sílvia Amstalden

Quem somos

O Núcleo Paradigma é um centro de estudos, consultoria e pesquisa, localizado na cidade de São Paulo, no bairro de Perdizes. Fundado em 2005, o Núcleo tem como objetivo a busca de soluções para problemas relacionados ao comportamento humano, nas mais diversas áreas de atuação da psicologia. Em conformidade com essa proposta, o Núcleo Paradigma oferece os seguintes serviços e atividades:

- Aprimoramento, especialização, atualização e extensão para terapeutas e acompanhantes terapêuticos.
- Formação e atualização de terapeutas e acompanhantes terapêuticos para o atendimento das mais diversas populações.
- Consultoria, formação e atualização de profissionais de recursos humanos.
- Clínica composta por terapeutas e acompanhantes terapêuticos (ATs) que trabalham sob a perspectiva analítico-comportamental no atendimento de crianças, jovens, adultos, idosos, casais, famílias, pessoas com desenvolvimento atípico e transtornos psiquiátricos.
- Eventos culturais que favoreçam o diálogo da psicologia com diferentes áreas do conhecimento e da arte.

boletim paradigma

Uma Publicação do Núcleo Paradigma,
Ensino e Consultoria em Psicologia Ltda.
São Paulo, vol. 4, agosto de 2009.

Coordenação Editorial

Roberta Kovac
Joana Singer Vermes

Comissão executiva

Roberta Kovac
Joana Singer Vermes
Denis Zamignani
Roberto Alves Banaco

Projeto gráfico e diagramação

Sílvia Amstalden



Núcleo Paradigma, Ensino e
Consultoria em Psicologia Ltda.
Rua Wanderlei, 611,
Perdizes São Paulo-SP
CEP 05011-001
TEL: 55 11 38649732

www.nucleoparadigma.com.br
contato@nucleoparadigma.com.br

Agosto 2009
Tiragem: 3.500 exemplares

Sumário

Editorial 3

Agenda 2009 a 2010 4

Teoria e aplicação 7

O comportamento verbal do cientista:
reflexões em tempos de produtividade científica

Maria Martha Costa Hübner

Paradigma entrevista 13

Roberto Alves Banaco entrevista Emmanuel Zagury Tourinho

Na estante 18

Resenha do livro “Subjetividade e Relações Comportamentais”
de autoria de Emmanuel Zagury Tourinho.

Jan Luiz Leonardi

Análise do comportamento e terapia infantil 21

Do que é feito um terapeuta infantil?

Joana Singer Vermes

Análise do comportamento e desenvolvimento atípico 25

A análise aplicada do comportamento no manejo dos problemas de aprendizagem

Maria Carolina C. Martone

História de vida 28

Dra. Rachel Rodrigues Kerbauy

Comportamento em cena 32

Comportamento e cultura em “O Nome da Rosa”

Ricardo Corrêa Martone

Prêmio paradigma 36

Revista Perspectivas em Análise do Comportamento 38

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E ATENDIMENTO EXTRACONSULTÓRIO

matrículas abertas para as turmas de agosto de 2009

coordenação

ROBERTA KOVAC

MARIA AMÁLIA MORAES PEREIRA

coordenação de estágio

FERNANDO ALBREGARD CASSAS

data

de 15/8/2009 a 19/6/2010

horário

quinzenal, aos sábados,
das 8h30 às 18h30

carga horária total de 190 horas
distribuídas em dois semestres

120 horas

disciplinas teórico-práticas

40 horas

supervisão clínica

30 horas

prática

Aberto para psicólogos e profissionais de saúde e alunos de graduação a partir do terceiro ano em qualquer uma destas áreas.

O curso visa oferecer uma sólida formação para o desempenho da prática terapêutica fora do *setting* tradicional do consultório.

módulos

- Conceitos básicos da análise do comportamento
- Técnicas da análise do comportamento
- Noções fundamentais de transtornos psiquiátricos
- Questões da prática do AT
- Estágio supervisionado

núcleo
paradigma
análise do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br
Rua Wanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Editorial

O Boletim Paradigma foi concebido em 2006, tendo em vista divulgar notícias, publicações e informações a respeito do Núcleo Paradigma e da Análise do Comportamento. Tem sido gratificante perceber que este material, sempre distribuído nos Encontros da ABPMC, vem sendo apreciado, não apenas como material de divulgação, mas também, por sua contribuição para a disseminação de conhecimento sobre a teoria e a prática analítico-comportamentais.

Esta quarta edição traz algumas novidades do Paradigma, em sua proposta de ampliar o leque de opções em serviços e formação. No início deste ano, teve início um curso de aprimoramento, com estágio supervisionado, sobre “terapia analítico-comportamental infantil” e um curso de formação em “intervenção precoce em crianças com atraso no desenvolvimento e/ou desenvolvimento atípico através do uso da análise aplicada do comportamento, tendo como meta uma formação teórica e técnica para profissionais e estudantes da saúde interessados no atendimento a essas populações, que exigem estratégias bastante diversas da clínica tradicional. Juntamente com o curso de formação, teve início o serviço de atendimento a desenvolvimento atípico, sob a coordenação de Carolina Martone e Daniel Del Rey, e supervisão de Maria Amália Andery. Outra novidade é o curso de “métodos de leitura, análise e produção de textos em análise do comportamento”, projetado para que analistas do comportamento possam obter melhor aproveitamento do material da nossa área, bem como desenvolver suas habilidades para a escrita. É também

com satisfação que lançamos, para o segundo semestre de 2009, uma nova modalidade de curso, que ocorrerá paralelamente aos Tópicos Avançados: o curso “Temas introdutórios em terapia analítico-comportamental”, que também será desenvolvido a partir de encontros independentes, mas respondendo à demanda de um público mais iniciante. Tivemos ainda, em julho, a segunda edição do Prêmio Paradigma que, mais uma vez, condecorou trabalhos de pesquisa desenvolvidos em nossa área.

Às vésperas de completar cinco anos de existência, motivos para celebrar são muitos... também é grande nossa satisfação em receber, em nossa sede, cada vez mais pessoas que buscam aprimorar e compartilhar conosco o seu conhecimento. São colegas, amigos, terapeutas, professores, supervisores e clientes, parceiros que nos impulsionam a avançar e nos aperfeiçoar sempre. Como já afirmado, nossa meta é, acima de tudo, levar aos mais diversos setores da sociedade, as contribuições que a Análise do Comportamento pode oferecer para um mundo melhor, com ética, dignidade e espírito de equipe. Cada um que nos lê por este veículo, que frequenta os eventos que desenvolvemos, que compartilha conosco seu conhecimento, carinho e amizade, está contribuindo com um pedacinho desse projeto. Aproveitamos esta edição para dizer, por tudo isso, o nosso muito obrigado. Forte abraço,

Joana Singer Vermes
Roberta Kovac
Denis Roberto Zamignani
Roberto Alves Banaco

Agenda 2009 a 2010

ACONTECEU EM 2009

II EMAC – Encontro Maringaense de Análise do Comportamento

IV JACC – Jornada de Análise do Comportamento de Campinas

Março a Junho III Ciclo de Palestras sobre Análise do Comportamento de Poços de Caldas

6º CONPSI – Congresso Norte Nordeste de Psicologia em Belém do Pará

5ª JAC – Jornada de Análise do Comportamento de Rio Verde-GO

V Seminário de Análise do Comportamento - MG

VIII JAC – Jornada de Análise do Comportamento da UFSCar

II Seminário Internacional de Habilidades Sociais - Rio De Janeiro

Jornada Científica do II Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento

ACONTECE

AGOSTO

14 Início dos cursos de Especialização, Terapia Infantil e Terapia de Casal e Família

SETEMBRO

12 JAC – Jornada de Análise do Comportamento de Jundiá

19 JAC – Jornada de Análise do Comportamento de Bauru

OUTUBRO

24 e 25 II JAC - Jornada de Análise do Comportamento de Poços de Caldas

10 [8h30] Tópicos Avançados em Clínica Analítico-Comportamental [Isaias Pessoti]

10 [8h30] Temas Introdutórios em Terapia Analítico-Comportamental – “Como processos ‘mentais’ são incorporados na terapia analítico-comportamental”.

10 [14h30] Cinema Paradigma – “Autismo sob a ótica analítico-comportamental”. Filme: Um certo olhar [Debatedoras: Maria Carolina Martone e Cássia da Hora]

NOVEMBRO

7 [8h30] Tópicos Avançados em Clínica Analítico-Comportamental

7 [8h30] Temas Introdutórios em Terapia Analítico-Comportamental – “A compreensão da dinâmica de funcionamento do cliente na perspectiva analítico-comportamental” [Aldaysa Marmo]

7 [14h30] Cinema Paradigma – “Perversidade nas relações amorosas”. Filme: Lua de fel [Debatedora: Giovana Del Prette]

DEZEMBRO

12 [8h30] Tópicos Avançados em Clínica Analítico-Comportamental

12 [8h30] Temas Introdutórios em Terapia Analítico-Comportamental – “O Relacionamento terapeuta-cliente como ferramenta de mudança”. Denigés M. Regis Neto

12 [14h30] Cinema Paradigma – “Relacionamentos amorosos e sofrimento”. Filme: Closer – Perto demais [Debatedoras: Joana Singer Vermes e Gisa Baumgarth]

FEVEREIRO DE 2010

Início da VII turma do Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental do Núcleo Paradigma

aprimoramento

CURSOS
paradigma

TERAPIA DE CASAL E DE FAMÍLIA

professoras responsáveis
MALY DELITTI
MIRIAM MARINOTTI

disciplinas e atividades

- Estratégias de avaliação e intervenção em terapia de casal e família (40 horas)
- Análise aplicada da interação terapêutica em terapia de casal e família (30 horas)
- Supervisão de atendimento de casal e/ou família (60 horas)
- Atendimento supervisionado de casal e/ou família (40 horas)

principais temas tratados na disciplina teórica

- Apresentação do curso
- Como lidar com um grupo terapêutico
- Grupo terapêutico e coterapia
- A comunicação em família e seus possíveis problemas
- Indicações para terapia de família, casal ou grupo
- Fundamentos da intervenção clínica sobre famílias
- Antes e durante a entrevista inicial
- Avaliação comportamental de problemas familiares
- Estabelecimento de objetivos terapêuticos em terapias de família

duração
de 14/8/2009 a 12/12/2010

horários
quinzenalmente, às sextas feiras
das 9h às 14h

núcleo
paradigma
análise do comportamento

Rua Wanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732
www.nucleoparadigma.com.br

serviço de

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E ATENDIMENTO EXTRACONSULTÓRIO

O Serviço de Acompanhamento Terapêutico Comportamental e Atendimento Extraconsultório do Núcleo Paradigma visa oferecer um suporte terapêutico consistente, pautado num sólido corpo de conhecimento produzido pela abordagem analítico-comportamental e numa experiência de mais de uma década no desenvolvimento de trabalhos desta natureza.

Conta com uma equipe estruturada e capacitada para a prestação de serviços em acompanhamento terapêutico e atendimento extraconsultório.

Contando com propostas de intervenção flexíveis e individualizadas, o Núcleo Paradigma oferece diferentes possibilidades para a constituição de equipes de profissionais. O serviço oferecido pelo Paradigma busca atender às mais diversas necessidades e demandas por atendimento terapêutico.

coordenação

Roberta Kovac e Fernando Albregard Cassas

informações

www.nucleoparadigma.com.br



Rua Wanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Teoria e aplicação

O comportamento verbal do cientista: reflexões em tempos de produtividade científica

Maria Martha Costa Hübner

Na ocasião em que o Núcleo Paradigma convidou-me para proferir a conferência da cerimônia de premiação do *Segundo Prêmio Paradigma*, realizada em 27 de junho de 2009, convite esse que muito me honrou, decidi trazer um debate que fiz da apresentação do professor Julio de Rose, na reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia, realizada em Curitiba, de 26 a 29 de outubro de 2005, sobre a Análise de Relatos Inverídicos e Enviesados, apresentada por aquele professor e querido colega. Naquela oportunidade, uma colega, também muito querida, presente na plateia, destacou com elogios um aspecto que eu abordara sobre o comportamento do cientista e assim, sob o efeito daquele importante reforço positivo, apresentei o tema novamente ao talentoso grupo de jovens cientistas, finalistas e premiados, presentes à cerimônia no Núcleo Paradigma, em São Paulo.

Julio de Rose (2005), fez uma excelente escolha ao trazer para a análise e debate o filme *Rashomon*, pela possibilidade que o filme oferece de se realizar uma discussão sobre o instigante tema – *relatos inverídicos e enviesados* –, mais corriqueiro nos dias atuais do que gostaríamos, e, sobretudo, pelo autor escolhido, que apresenta o fenômeno *diferentes relatos sobre um mesmo fato* com a simplicidade, edição e estética ímpar de Akira Kurosawa.

Embora uma centena de filmes aborde a temática de contrapor versões de fatos, nos típicos cenários em que os tribunais são o centro, o filme de Kurosawa em questão, que Julio de Rose generosamente nos faz descobrir, sai da mesmice de nos mostrar “o fato real” contra-posto aos relatos, e nos convida à análise de identificar as possíveis variáveis controladoras de cada relato, o que muito importa ao analista de comportamento, independentemente de o relato ser verídico ou não.

Gostaria também de agradecer ao professor Júlio de Rose que aceitou um convite meu para que expusesse esta análise a alunos do curso de especialização em Terapia Comportamental da USP, em início de outubro de 2005, o que facilitou enormemente o meu trabalho de debater a apresentação que ele fez em final de outubro de 2005.

Ao conhecer sua escolha e deleite pelo filme *Rashomon*, concluí, após uma breve enquete informal que, exceto os japoneses, alunos da UFSCAR do professor Julio de Rose e estudiosos de cinema, poucos devem ser aqueles que tiveram o privilégio do acesso a esta obra de 1958. Agradeço, assim, ao professor pela escolha de bom gosto e à Deisy das Graças de Sousa e Maria Amália Pie Andery por me convidarem a fazer aquele debate prazeroso. E, sem dúvida, à direção do Núcleo Paradigma, nas pessoas de

Roberto Banaco e Denis Zamignani, pela possibilidade do “*revival*” em 2009.

Na análise que de Rose (2005) apresenta, destaca-se, como didaticamente importante, a ênfase que Skinner (1957) dá à distinção dos conceitos de reforçamento específico e generalizado, quando aquele autor aborda tatos distorcidos. Nas análises de Skinner e de Rose, na nitidez de seus exemplos, esclarece-se o processo de aquisição da mentira, do viés, sobretudo pela compreensão desses dois processos de reforçamento (específico e generalizado).

O reforçamento generalizado é, segundo Skinner (1957), a chave para o sucesso do discurso prático ou científico. Evita a influência dos estados momentâneos de privação do indivíduo. Ele faz com que o comportamento do falante fique mais estreitamente sob controle do ambiente corrente e permite que o ouvinte, na falta de contato direto com o ambiente, reaja com maior sucesso a este comportamento. Em outras palavras, o reforço generalizado mantém o tato como tal, em que “uma resposta de uma dada forma é evocada (ou pelo menos fortalecida) por um objeto ou evento” (Skinner, 1957, p.81-82). É por esta relação de controle que Skinner considera o tato o mais importante dos operantes verbais, dada à correspondência (referência) com as coisas ou fatos do mundo. Esta correspondência, diz Skinner, é produto do modo como a comunidade verbal estabelece repertório de tatos: enfraquece-se a relação com qualquer privação ou estímulo aversivo específico e estabelece-se uma relação especial com um estímulo discriminativo. Faz-se isso reforçando a resposta tão consistentemente quanto possível na presença de um estímulo, com um reforçador generalizado. O controle resultante é por meio do estímulo (Skinner, 1957).

Já no reforçamento específico, característico do operante verbal mando, uma resposta

verbal é controlada por condições relevantes de privação ou estímulo aversivo e, nesse sentido, o que a reforça é uma consequência especificada pela própria resposta, como em um pedido de “água”, em que apenas uma consequência como a própria “água” reforçaria tal resposta, se fosse um mando.

Se diante de uma dada reposta verbal consequenciamos com um reforço específico, podemos transformá-la em mando, mesmo que as condições originais tenham sido a de tato. Skinner apresenta o clássico exemplo do menino que perdeu a moeda, e Julio de Rose o apresentou novamente em sua exposição de 2005: se uma criança perde, de fato, uma moeda e relata isso a uma audiência (o pai, por exemplo), e este lhe dá uma nova moeda, é possível que, dado o reforço específico (dar a moeda para o filho) a audiência tenha acabado de tornar mais provável um tato distorcido, com função de mando, em um futuro próximo. A criança poderá dizer que perdeu a moeda (sem tê-la perdido), pelo reforçamento específico de ter ganho uma moeda quando disse que a havia perdido, no passado. Nesse caso, o reforçamento específico anterior transformou um tato em um tato distorcido, controlado pelas variáveis de mando. Como destacou Skinner, um tato nos diz mais sobre o ambiente – o ouvinte se beneficia mais – e o mando nos diz mais sobre o falante, sobre suas condições de privação e estimulação aversiva.

Poderíamos dizer, a partir desta análise e inspirado por ela, que um processo de reforçamento específico para tatos, especificado pela resposta (como no exemplo da criança que perdeu a moeda) os transforma em mandos. Neste sentido, relatos enviesados podem se configurar como mandos impuros para rotas de fuga ou esquiva (no filme analisado por de Rose em 2005 – *Rashomon* –. os relatos inverídicos do

réu teriam a função de “livre-me da cadeia”, por exemplo) ou selecionados pela obtenção de reforçadores sociais poderosos, como a aceitação em um grupo, destaque, promoção. Uma análise comportamental clara e simples da mentira.

Coincidentemente, na mesma semana em que eu iria fazer o debate em Curitiba, precisamente no dia 20 de outubro de 2005, Carlos Heitor Cony, em sua crônica na Folha de São Paulo, escreve um texto com o título “*Elogio da mentira*”, em que aponta uma conclusão, obviamente irônica, de que seria impossível viver em um mundo de verdades. Imagina uma situação hipotética em que um gongo retumbante dos céus anunciaria que só a verdade poderia ser

Por que tendemos a considerar uma fala como “subjettiva”, “preconceituosa” “tendenciosa” quando a relação controladora é prejudicada ou distorcida e preferimos as respostas “objetivas”, “válidas”, “verdadeiras” ou “corretas”, em que há correspondência com uma situação estimuladora? Porque temos variáveis práticas controlando nossas respostas não verbais. Porque nenhuma rotina, nenhuma vida prática resiste muito tempo a fatos distorcidos.

ditada nos próximos dez minutos. Cony anuncia que ficou “gelado” com esta possibilidade, assustado com o que seria de nós sem a proteção e os momentos até agradáveis propiciados pela mentira. Não a mentira dos papas ou das cortes, mas a mentira do dia a dia, dos colegas de trabalho, dos maridos, das mulheres. “Eu já fora informado”, diz Cony, de que a sociedade humana tinha como ponto de gravidade a mentira, a convenção, em torno do qual se erguiam todos os demais valores; e tinha que ser assim mesmo, conclui o autor, do contrário haveria uma hetacombe geral ou um suicídio coletivo. Cony aborda a necessidade da mentira e ironiza: “*ela é que nos mantém vivos, conseguindo a proeza de momentos felizes ou suportáveis. Erasmo elogiou a loucura. Estou eu*

a elogiar a mentira, que, aliás, não precisa de elogio, tão necessária é para que tudo funcione, desde governo até oposição, as CPis, e o resto: seu papel civilizador, sua urgência moral, sua inevitabilidade social”.

De modo semelhante, Kurosawa, no filme analisado, elabora seu argumento sobre a mentira, mostrando-nos a dificuldade de discerni-la da verdade e o valor adaptativo da mesma (a piedade que a mulher do Samurai pode obter com ela, a honra readquirida com o relato do morto, o bandido que se transforma em herói em seu relato). E até o lenhador, que sobe na pirâmide social quando se coloca, para o grupo, como o único que presenciou o ocorrido.

Mas se a distorção é possível, se é muito frequente, se as variáveis controladoras são poderosas, por que, ainda assim, Kurosawa inicia seu filme mostrando a estranheza manifestada pelos ouvintes diante da inconsistência dos relatos? Por que ele termina seu filme mostrando o religioso que recupera sua confiança na humanidade (e no lenhador)?

Porque, de uma forma ou de outra, continuamos a abominar a mentira de nossos políticos, porque nos decepçionamos com uma mentira de colegas, de nossos pares e filhos. O filme nos deixa, na última cena do religioso e lenhador, esperanças na possibilidade de coerência entre relato e ação.

Por que tendemos a considerar uma fala como “subjettiva”, “preconceituosa” “tendenciosa” quando a relação controladora é prejudicada ou distorcida e preferimos as respostas “objetivas”, “válidas”, “verdadeiras” ou “corretas”, em que há correspondência com uma situação estimuladora? Porque temos variáveis práti-

cas controlando nossas respostas não-verbais. Porque nenhuma rotina, nenhuma vida prática resiste muito tempo a tatos distorcidos.

Como salienta Skinner (1957), quando a distorção derivada de um reforçamento especial faz com que o ouvinte reaja de modo ineficaz ao comportamento do falante (quando o ouvinte é prejudicado, por exemplo), o sistema se quebra, o ouvinte deixa de reforçar o falante e até mesmo o pune. O sistema de distorções só se mantém quando não há consequências práticas, como no caso do humor e da literatura, em geral. Só reforçamos relatos enviesados se não tivermos que nos comportarmos em termos práticos – aceitamos um relato que exagera o tamanho do peixe se não tivermos que comprá-lo por um preço mais caro, em função desse aumento; e só achamos graça de um mágico que some com nossa nota de cem reais porque sabemos que é brincadeira e porque o artista, em geral, a devolve. Talvez, por isso, ou relacionado a isto, é que a justiça tenha o axioma: na dúvida, pró-réu. Em outras palavras, se o réu pode ser prejudicado, como consequência de nossa aceitação de relatos, a justiça determina que em caso de alguma dúvida ou inconsistência, nós não prejudiquemos o réu. Este é um exemplo em que consequências práticas determinam um aumento na exigência para uma correspondência entre um relato verbal e os fatos.

Tal análise nos lança uma questão polêmica para a nossa profissão, para o nosso trabalho de cientistas, analistas de comportamento, sempre que publicamos nossas pesquisas: se, por um lado, como behavioristas radicais, não nos interessamos apenas por aquilo que pode se comprovar empiricamente, pelo observável, pelo publicamente observável, se os índices de fidedignidade são crescentemente deixados de

lado, se o que existe para um indivíduo, existe, e isto deva ser estudado, isso implica que consideramos o relato enviesado, subjetivo, possível de ser considerado como fonte de dados?

Ou diante de cada relato deveríamos analisá-lo como material direto de identificação das fontes controladoras, uma vez que, em ciência, nossas descobertas e análises teriam, em última, análise, a consequência prática de produzirmos conhecimentos e mudarmos vidas? Estas últimas possibilidades nos remetem a uma postura de constante estado de alerta diante do que lemos, ouvimos e vemos: alerta no sentido de entendermos que relato é comportamento e, como tal, que há variáveis controladoras determinantes, que precisamos identificar. Sobretudo precisamos estar alerta às diferenças entre tatos e mandos.

Se, como diz Skinner, o controle de estímulos pode não apenas ser “esticado”, mas “inventado” (como nos tatos estendidos), como saberemos qual é, de fato, o nosso dado? Quem o saberá e como será sabido? Os recortes em

relato é comportamento e, como tal, que há variáveis controladoras determinantes, que precisamos identificar. Sobretudo precisamos estar alertas às diferenças entre tatos e mandos.

ciência, não são, na verdade, sempre vieses? Qual a correspondência entre nosso relato como cientistas e o fato? A descrição de nossos estudos estará sob controle de propriedades de objetos ou eventos que observamos em nossas pesquisas ou sob controle de estados momentâneos de privação ou estimulação aversiva e, portanto, de consequências especificadas por uma resposta do tipo: publique meu artigo, me torne famoso...ou quero ser autor de uma nova teoria, um novo Skinner!!!!??

Se fazer ciência é comportamento verbal, e se comportamento verbal é um operante, mo-

delado por contingências, quais modelaram nosso relato? Contingências que levaram a fatos distorcidos e enviesados? Ou correspondentes com os fatos?

Como cientistas, podemos emitir mandos em nosso relatos de pesquisa? Podemos persuadir, anunciando reforçadores positivos ou negativos para os que concordarem com nossos argumentos?

Sabemos que correspondência entre fatos e relatos resulta do modo como a comunidade estabelece repertório de fatos, como já foi apontado: enfraquecemos a relação com qual-

Enquanto cientistas, penso que queremos ser acreditados. Enquanto analistas de comportamento, ainda queremos mais: que nos refiramos a fatos e que identifiquemos variáveis controladoras do comportamento, identificação esta passível de refutação.

quer privação ou estímulo aversivo específico (como nos mandos) e estabelecemos uma relação especial com um estímulo discriminativo. Fazemos isso reforçando a resposta tão consistentemente quanto possível na presença de um estímulo com um reforçador generalizado para que o controle resultante seja por meio do estímulo.

Será isto o que temos feito enquanto ouvintes de nossos pares e autores de nossas pesquisas? Sabemos, também, que a frequência com a qual o ouvinte se engaja em uma ação efetiva em resposta ao comportamento na forma de fato vai depender da extensão e acurácia do controle de estímulo no comportamento do falante.... vai depender da “crença” do ouvinte na honestidade do falante” (Skinner, 1957,p.88).

Nesse sentido, o quanto precisamos ter acesso às histórias de vida de um autor para considerá-lo honesto, como tal?

Enquanto cientistas, penso que queremos ser acreditados. Enquanto analistas de com-

portamento, ainda queremos mais: que nos refiramos a fatos e que identifiquemos variáveis controladoras do comportamento, identificação esta passível de refutação. Nossos mandos são para que emitamos fatos não distorcidos. Se isto é totalmente possível, é uma outra questão, para um outro debate. Mas navegar nesta direção é preciso...

Skinner (1953) nos diz, ainda, que fazer ciência é aceitar fatos, mesmo quando eles são contrários aos nossos desejos. Entendo que isto queira dizer emitir fatos, no lugar de mandos, caminhar na direção de relatos verídicos, sob controle dos dados, sempre soberanos. Viver, portanto, como naqueles dez minutos da crônica de Cony, sob o gongo retumbante da verdade.

de. Talvez, por isso, em uma cultura de ode à mentira, ao marketing, ainda não sejamos tão populares. Nós e Kurosawa. ■

Referências bibliográficas

Cony, C.H. Elogio à mentira. Folha de São Paulo, Caderno 1, Folha 2, de 20 de outubro de 2005.

De Rose, J.C (2005). Relatos inverídicos e enviesados. XXXV Reunião Anual da SBP, Curitiba, 26 de outubro de 2005.

Skinner, B. F. (2003). Ciência e comportamento humano. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B.F. (1957). Verbal behavior. New York: Appleton - Century- Crofts.

Maria Martha Costa Hübner é membro do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo e Presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, gestão 2008-2009. Endereço para contato: martha@hubner.org.br

PSICOLOGIA DO ESPORTE NA PRÁTICA

coordenação

SÂMIA HALLAGE, EDUARDO CILLO E CARLA DI PIERRO

objetivos

introduzir conceitos teóricos da psicologia do esporte e orientar como estes podem ser aplicados na prática.

alguns tópicos tratados no curso

motivação no esporte, liderança em equipes esportivas, gerenciamento de estresse e ansiedade, concentração e atenção, autoeficácia esportiva, reabilitação psicológica do atleta lesionado.

público alvo

estudantes de psicologia e educação física, psicólogos, educadores físicos, técnicos esportivos e demais profissionais relacionados ao esporte.

datas e horários

dia 2/10 sexta-feira das 19h às 22h

dia 3/10 sábado das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h



núcleo
paradigma

análise do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br

Rua Wanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Paradigma entrevista

Roberto Alves Banaco entrevista Emmanuel Zagury Tourinho

Paradigma entrevista conversou com Emmanuel Zagury Tourinho, doutor em Psicologia Experimental (USP) e professor titular na Universidade Federal do Pará. Autor de várias publicações (artigos em periódicos especializados, capítulos de livros e 2 livros – um deles pela Editora Núcleo Paradigma - “Subjetividade e Relações Comportamentais” resenhado neste boletim). Emmanuel é bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq e atualmente exerce a função de Coordenador da Área de Psicologia na CAPES, experiência que motivou esta entrevista: gostaríamos de saber como Emmanuel está observando e analisando a situação da Psicologia (e em especial, da Análise do Comportamento) em relação às outras áreas do conhecimento. Pedimos também para que Emmanuel nos falasse sobre sua avaliação a respeito de um tema de extrema importância para os psicólogos pesquisadores: as normas do CNS sobre ética para a pesquisa com humanos. Sua trajetória como pesquisador e seu envolvimento com as agências de regulação da prática de pesquisa permitem uma visão privilegiada desses aspectos, que tanto nos dizem respeito. Veja a seguir a entrevista:

Roberto [R] Gostaríamos que você fizesse uma avaliação sucinta sobre a situação da Psicologia em relação às outras áreas de conhecimento. Aponte se estamos ampliando a participação nos financiamentos, se os projetos de pesquisa têm sido melhor avaliados do que antes, quais são as perspectivas dentro de um cenário em que as escolas de psicologia estão sendo cada vez mais numerosas, nos vários graus de formação: graduação e pós-graduação (stricto e latu sensu).

Emmanuel [E] A formação em Psicologia cresceu substancialmente na última década, no Brasil, tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Na pós-graduação, passamos de 28 programas em 1998 para 60 programas em 2008. Esse crescimento foi maior para os programas de doutorado (crescimento de 125%) do que para os de mestrado (crescimento de 110%). Os dados dos últimos dois anos também sugerem que estamos entrando em uma etapa de maior esforço para a verticalização do sistema de pós-graduação na área de psicologia, com a criação de doutorados. Apesar dos avanços, continuamos com uma forte concentração da pós-graduação na região sudeste (aproximadamente 50% dos programas), um dado que se

repete em outras áreas de conhecimento. Ainda formamos um número insuficiente de doutores para as demandas do país, inclusive relacionadas ao ensino de graduação, e nossa capacidade de pesquisa ainda está fortemente concentrada em poucas subáreas da psicologia.

Não tenho os dados relativos ao crescimento da graduação, mas arriscaria dizer que as taxas foram maiores do que as da pós-graduação, o que só não gerou uma demanda maior por doutores na área porque a expansão foi mais expressiva no setor privado. Esse fato, por outro lado, provocou certas preocupações, dada a notória carência de condições para a pesquisa e a extensão nas instituições privadas.

A avaliação dos programas de pós-graduação mostra que a produção científica na área de Psicologia cresceu tanto quantitativa, quanto qualitativamente. Comparativamente, estamos muito bem no cenário das ciências humanas e sociais, mas obviamente distantes dos indicadores de outras áreas, sobretudo porque nossa base de produção de conhecimento tem características que impossibilitam acompanharmos o ritmo de produção de algumas áreas, como aquelas identificadas como *hard sciences*, por exemplo. Quando você faz pesquisa na clínica de psicologia, por exemplo, sua base de produção de conhecimento não está permanentemente à sua disposição, não foi configurada apenas para servir aos seus propósitos da pesquisa e impõe outras demandas que precisam ser atendidas se você quiser permanecer lá pesquisando.

Nesse cenário de crescimento da Psicologia brasileira, a Análise do Comportamento também teve avanços, principalmente com o fortalecimento da ABPMC e o surgimento de novos

programas de pós-graduação. Do ponto de vista institucional, porém, arriscaria dizer que estamos distantes do reconhecimento merecido, pois temos sido menos eficientes do que outras subáreas em dar visibilidade, para o público externo, à nossa produção, à nossa capacidade de pesquisa e formação.

Grande parte do avanço da Análise do Comportamento na última década deve-se ao excelente trabalho realizado pela ABPMC. Os Encontros e as publicações da ABPMC funcionaram para formar e cultivar um público interno e para estimular a produção em Análise do Comportamento, especialmente no campo da terapia analítico-comportamental, no qual

Não temos modelos acabados ou suficientes de aferição da qualidade ou impacto da produção científica em qualquer área de conhecimento. A preocupação com isso tem crescido em todos os países, dada a necessidade de subsidiar a tomada de decisão sobre o investimento público em ciência e tecnologia, mas todas as soluções até agora formuladas têm alcance limitado

o Brasil já avançou, no meu juízo, muito mais do que qualquer outro país. Precisamos tirar proveito dessa experiência para projetar a Análise do Comportamento no espaço maior da Psicologia brasileira.

[R] O segundo tema sobre o qual gostaríamos de sua avaliação versa sobre o processo de avaliação das revistas científicas: que avanços (ou não) você vê na mudança proposta, e o que a comunidade ganharia com essas mudanças.

[E] Não temos modelos acabados ou suficientes de aferição da qualidade ou impacto da produção científica em qualquer área de conhecimento. A preocupação com isso tem crescido em todos os países, dada a necessidade de subsidiar a tomada de decisão sobre o inves-

timento público em ciência e tecnologia, mas todas as soluções até agora formuladas têm alcance limitado. No Brasil, o sistema Qualis, da CAPES, tem sido a principal referência para essa avaliação, mas temos aqui um problema. A CAPES criou o Qualis para avaliar os programas de pós-graduação, não instituições, pesquisadores, ou mesmo revistas, no que diz respeito a todas as funções que podem ter. Enquanto subsídio para a avaliação dos programas de pós-graduação, o Qualis de periódicos fornece a base para a construção de um dentre vários indicadores levados em conta na hora de definição da nota de um programa. (Se você analisar a planilha com os dados de pro-

O uso estrito do Qualis para avaliar pesquisadores, se existir, poderá dar origem a uma geração de publicadores, que não necessariamente terão os mesmos compromissos que as gerações anteriores de pesquisadores com a gestão da área, com a construção do sistema nacional de ciência e tecnologia e com as várias demandas sociais dirigidas à Academia.

dução dos programas de psicologia, ponderada com base no Qualis, verá que a hierarquia dos indicadores dos programas não coincide precisamente com a hierarquia das notas atribuídas na avaliação).

Na medida em que outros setores sociais começam a usar o Qualis para fins diversos da avaliação dos programas de pós-graduação, isso gera problemas adicionais aos que já decorrem da precariedade dos critérios que conseguimos formular para a análise das revistas. Uma alternativa é criarmos outros sistemas de avaliação da produção científica, para outros fins. Por exemplo, o Qualis nunca será suficiente para avaliar pesquisadores, simplesmente porque grande parte da contribuição que os pesquisadores podem dar à sociedade está para além das publicações em revistas (ainda que bem

avaliadas). O uso estrito do Qualis para avaliar pesquisadores, se existir, poderá dar origem a uma geração de publicadores, que não necessariamente terão os mesmos compromissos que as gerações anteriores de pesquisadores com a gestão da área, com a construção do sistema nacional de ciência e tecnologia e com as várias demandas sociais dirigidas à Academia.

Não vejo problema de a CAPES usar o Qualis, no modo como o tem usado, para avaliar os programas de pós-graduação e se esse processo tem impactado a vida das revistas, eu diria que no geral foi para muito melhor. Nas mudanças mais recentes do sistema Qualis, a área de Psicologia priorizou como critério

a presença da revista em indexadores e bancos de dados, nacionais e internacionais, para valorizar a interlocução do pesquisador com comunidades científicas cada vez mais abrangentes e estruturas,

compreendendo que isso pode impactar positivamente sua atividade de pesquisa. Várias outras áreas optaram por utilizar o fator de impacto do Institute for Scientific Information e isso deu origem a muitas críticas.

Penso que temos que trabalhar para que as revistas de Psicologia e, principalmente, as revistas de Análise do Comportamento alcancem as melhores indexações, não porque com isso terão melhor avaliação na CAPES, mas porque isso pode ser relevante para estender as nossas redes de interlocução e para qualificar a nossa produção científica.

[R] O terceiro tema é qual a perspectiva da Análise do Comportamento fixar-se enquanto uma subárea da Psicologia, saindo da égide da Psicologia Experimental.

[E] Como mencionei antes, a Análise do Comportamento não tem suficiente visibilidade externa para ser reconhecida, no Brasil, como subárea da Psicologia. Nossos pares na Psicologia estão em geral satisfeitos de nos ver como parte da Psicologia Experimental, ou da subárea de Processos Básicos. Recentemente, porém, fizemos uma experiência, adotando Análise do Comportamento como subárea para inscrições de trabalhos em um congresso de Psicologia (6º Congresso Norte Nordeste de Psicologia). Aproximadamente 6% das submissões de trabalhos nesse evento estavam na subárea de Análise do Comportamento, muito mais do que Avaliação Psicológica (3%),

Embora esses dados não sejam suficientes para muitas conclusões, parece claro que há uma comunidade na Psicologia brasileira que se identifica por essa referência (Análise do Comportamento), mas outras comunidades talvez não tão numerosas têm sido mais bem sucedidas no reconhecimento externo.

História da Psicologia (2,9%), Percepção e Psicofísica (0,1%), Psicobiologia (1%), Psicologia Comparativa e Evolucionista (0,6%) e Psicologia da Cognição (1%). Embora esses dados não sejam suficientes para muitas conclusões, parece claro que há uma comunidade na psicologia brasileira que se identifica por essa referência (Análise do Comportamento), mas outras comunidades talvez não tão numerosas têm sido mais bem sucedidas no reconhecimento externo. A questão é o que vamos fazer para mudar esse quadro, considerando que menor visibilidade significa menor acesso a recursos para pesquisa, menor espaço na definição das políticas da área etc..

[R] Por fim, gostaríamos que você falasse sobre como a Psicologia tem se posicionado frente às exigências das normas do CNS sobre ética para

a pesquisa com humanos. Em sua avaliação, devemos continuar acatando-as integralmente, elas podem atrapalhar a pesquisa, deveríamos procurar adequações específicas, etc.

[E] A Resolução 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde, foi inspirada principalmente nos problemas da pesquisa médica com humanos, mas foi institucionalizada como referência para o julgamento da dimensão ética da pesquisa com humanos em todas as áreas de conhecimento, inclusive a Psicologia. Isso tem causado grandes transtornos para grupos de pesquisa em todas as subáreas da Psicologia, como apontam várias publicações sobre o assunto. A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, ANPEPP, tem trabalhado visando a uma solução para o problema. A última informação de que tomei conhecimento

dava conta de que estava sendo constituída uma comissão, no Ministério da Saúde, para elaborar uma proposta de nova resolução, dirigida às áreas de humanidades. Espero que esse esforço dê origem a uma regulamentação que preserve a dimensão ética da pesquisa em Psicologia, ao mesmo tempo em que respeite as características da investigação nesta área. ■

Roberto Alves Banaco é membro do Núcleo Paradigma e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TÓPICOS AVANÇADOS EM CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

coordenação

ROBERTO ALVES BANACO

O curso visa a um aprofundamento teórico sobre temas tradicionais em análise do comportamento, sempre com uma meta de aplicá-los a casos clínicos. Com este propósito, pretendemos, em encontros periódicos, dar subsídios para que terapeutas e estudantes possam reciclar seus conhecimentos e se apropriar de ferramentas para a produção de conhecimento a partir de sua prática clínica.

data

**mensalmente, aos sábados
(as datas são informadas no site)**

horário

das 8h30 às 12h30



núcleo

paradigma

análise do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br

Rua Wanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Na estante

Resenha do livro “Subjetividade e Relações Comportamentais” de autoria de Emmanuel Zagury Tourinho. Editora Núcleo Paradigma, 2009.

Jan Luiz Leonardi

A Psicologia surge como disciplina independente na segunda metade do século XIX, com o objetivo de conferir cientificidade ao estudo da subjetividade humana. Neste sentido, fenômenos como sentimentos, emoções, pensamentos, cognições e volições poderiam ser considerados a própria razão de a ciência psicológica existir.

Desde então, diversos sistemas teóricos lidaram com essa temática de diferentes maneiras, ora construindo modelos explicativos altamente especulativos, ora recuando em virtude de obstáculos metodológicos. Ambas as condutas, porém, impediram uma análise científica profícua da subjetividade.

Quando funda oficialmente a epistemologia behaviorista radical em 1945, B. F. Skinner postula que os eventos privados – conceito por meio do qual a subjetividade é tratada no sistema skinneriano – possuem as mesmas dimensões físicas dos eventos públicos, eliminando a perspectiva dualista do estudo do comportamento humano. Ademais, Skinner defende que o critério pragmático deve sobrepujar a noção de que um dado só pode ser tomado como científico se for publicamente observável, su-

perando o problema da “verdade por consenso”. Assim, Skinner coloca os eventos privados ao alcance da ciência.

Recentemente publicado pela Editora Núcleo Paradigma, o livro “*Subjetividade e Relações Comportamentais*”, do professor Dr. Emmanuel Zagury Tourinho, é um verdadeiro tratado sobre os eventos privados. A obra discute, profunda e minuciosamente, a abordagem analítico-comportamental da subjetividade, na qual sentimentos, emoções e pensamentos são concebidos como relações comportamentais.

No primeiro capítulo, o autor argumenta que a tradicional concepção de homem como ser autônomo obscurece as relações de interdependência entre os indivíduos de uma cultura, determinantes na construção da subjetividade. Revisitando pensadores como Platão, Michel de Montaigne, Thomas Hobbes, Francis Bacon, René Descartes, Adam Smith, Max Weber e Norbert Elias, Tourinho analisa os processos históricos que originaram e reproduziram tal concepção. O autor mostra ainda que as dicotomias psicológicas clássicas – público-privado, objetivo-subjetivo, externo-interno, físico-mental – se devem às ideias e valores da cultu-

Subjetividade e Relações Comportamentais

Emmanuel Zagury Tourinho

 **paradigma**
NÚCLEO DE ANÁLISE DE COMPORTAMENTO

ra individualista formada ao longo da trajetória da civilização ocidental.

Na segunda parte do livro, Tourinho sistematiza a fundamentação teórica e empírica delineada por Skinner e colaboradores sobre os eventos privados e explora suas indissociáveis relações com o comportamento verbal. Apontando limites e inconsistências da proposição skinneriana, o autor introduz uma nova perspectiva no tratamento analítico-comporta-

mental da subjetividade, promovendo importante avanço conceitual. Por fim, à luz da análise desenvolvida ao longo do capítulo, o autor desconstrói as dicotomias psicológicas clássicas anteriormente citadas.

No terceiro e último capítulo, Tourinho discute o processo de individualização, a condição de autonomia e o conceito de autocontrole sob a ótica analítico-comportamental, enfatizando que o exame das práticas socioculturais é condição necessária para o entendimento desses e de outros fenômenos comportamentais. Com isso, o autor estende a relevância de suas contribuições e favorece o diálogo com diferentes áreas do conhecimento.

Em suas considerações finais, Tourinho lembra o leitor que a elaboração conceitual e metodológica da subjetividade na análise do comportamento ainda está em construção. Ele resume os principais aspectos de seu trabalho e aponta caminhos para o desenvolvimento de um programa de pesquisa sobre a temática.

Em suma, “*Subjetividade e Relações Comportamentais*” reúne as respostas que a abordagem analítico-comportamental oferece para o fenômeno da subjetividade e vai muito além: por meio de uma análise rigorosa, coerente e erudita, refina os pressupostos filosóficos e os fundamentos teórico-conceituais da análise do comportamento.

Se concordarmos com a asserção de Skinner de que o cerne do behaviorismo radical é sua descrição alternativa da “vida mental”, então “*Subjetividade e Relações Comportamentais*” é leitura obrigatória para todo e qualquer analista do comportamento. ■

Jan Luiz Leonardi é aluno do curso de especialização em Psicologia Clínica Analítico-Comportamental no Núcleo Paradigma.

QUESTÕES FILOSÓFICAS DO BEHAVIORISMO RADICAL

Uma leitura aprofundada do livro
Sobre o Behaviorismo de BF Skinner

professor responsável
RICARDO CORRÊA MARTONE

principais temas abordados no curso

- Behaviorismo: uma (nova) filosofia da ciência?
- As causas do comportamento
- O mundo dentro da pele
- O comportamento inato
- O comportamento operante
- O perceber
- O comportamento verbal
- O pensar
- Causas e razões
- O conhecer
- O mundo interior da motivação e da emoção
- O eu e os outros
- A questão do controle
- O que há dentro da pele

data
de 18/08 a 2/12/2009

horário
das 20h às 22h



Análise do comportamento e terapia infantil

Do que é feito um terapeuta infantil?

Joana Singer Vermes

É muito comum, entre terapeutas que se enveredam pelos primeiros atendimentos com crianças, que seja feita a pergunta: quem atende bem um adulto, atenderá bem uma criança?

Em um belo levantamento sobre a história da terapia comportamental infantil, Conte & Regra (2000) trouxeram alguns elementos que podem nos ajudar a responder essa questão. O histórico apresentado pelas autoras é extenso e vale a leitura para aprofundamento do tema. Neste texto, apresentamos apenas alguns dos importantes aspectos da obra.

Na década de 60 surgiram alguns escritos que apresentam iniciativas em se produzir mudanças comportamentais em crianças, reconhecendo-se os primeiros modelos de psicoterapia infantil. Neste momento a preocupação é centrada, especialmente, na extrapolação de achados experimentais com sujeitos infra-humanos para a modificação de respostas específicas em crianças. Pouco se aplicava, da forma como a concebemos hoje na clínica, uma análise funcional. Outro elemento significativo da época diz respeito à modalidade de atendimento: raramente o terapeuta intervinha diretamente sobre o comportamento da criança – seu trabalho era predominantemente com os pais, que deveriam aplicar as técnicas ensinadas pelo profissional. Hoje em dia, adota-se, via de regra, um modelo no qual o terapeuta realiza sessões com a criança e com pais e/ou cuidadores.

Conte & Regra (2000) apontaram outra significativa mudança: a inclusão de aspectos da relação terapêutica como fundamentais para a condução das sessões de forma eficaz e, também, como material para entendimento e intervenção sobre os comportamentos-problema (Kohlenbeg & Tsai, 1987, foram um dos primeiros autores a apresentar este modelo na abordagem analítico-comportamental).

Um terceiro importante aspecto identificado por Conte & Regra diz respeito à inclusão dos eventos privados como parte da análise sobre os problemas do cliente. Isso trouxe a necessidade do desenvolvimento de recursos que propiciassem a identificação desses eventos que, por sua vez, trariam pistas sobre a origem e manutenção dos comportamentos. Assim, exercícios de fantasias e análise de sonhos passaram, a partir da década de 70, a participar das sessões de terapia comportamental infantil.

Essas mudanças históricas certamente levaram terapeutas a adquirirem novas habilidades, independentemente da faixa etária atendida. Entretanto, algumas peculiaridades das crianças exigem que profissionais desenvolvam repertórios específicos.

Alguns elementos devem ser comuns a todos os terapeutas: consistência teórica, postura ética, conhecimento de técnicas e procedimentos e habilidades sociais como empatia, assertividade, entre tantas outras. Nesse sentido, poderíamos dizer que um bom terapeuta

poderia atender a qualquer público de forma satisfatória. Mais do que isso: se considerássemos o modelo de atendimento infantil da década de 60, apresentado neste artigo, não haveria, de fato, necessidade de o terapeuta apresentar habilidades especiais. Bastaria que o mesmo tivesse conhecimento sobre os princípios do comportamento e soubesse aplicá-los, especialmente via orientação de pais.

Em conformidade com o modelo atual de atendimento e de forma a referendar todos os aspectos particulares da criança, poderíamos dizer que um bom terapeuta de adultos não é, necessariamente, um bom terapeuta infantil.

Retomando os pontos apresentados por Conte & Regra (2000), à medida que o atendimento se dá em grande parte com a criança, considerando a importância da relação terapêutica e, ainda, a necessidade de emprego de técnicas específicas, terapeutas infantis devem desenvolver diversas habilidades técnicas e pessoais.

Em primeiro lugar, a forma de obtenção de dados e intervenção no caso de crianças é muito especial: exige que o terapeuta lance mão de formas alternativas à expressão verbal. Brincadeiras, jogos, teatrinhos, desenhos, uso de massas de modelar, são alguns dos recursos empregados frequentemente. Porém, utilizá-los de forma efetiva, sem que os objetivos terapêuticos sejam perdidos, nem sempre é tarefa fácil. Conhecer diversas brincadeiras é próprio daqueles que convivem com crianças. Mas aplicá-las de forma adequada exige treino e estudo.

Outra especificidade diz respeito à construção da relação terapêutica. Devemos lembrar que, via de regra, quem deseja terapia são os pais, escola ou profissionais da saúde. Mais do que isso: muitas vezes as crianças rejeitam inicialmente a proposta. Dessa maneira, conquistar confiança e tornar o ambiente terapêutico reforçador são grandes desafios,

que requererem, muitas vezes, procedimentos, atividades especiais e uma forma de comunicação particular, que envolve utilizar linguagem simples, sem desmerecer as capacidades de compreensão a criança.

Um terapeuta infantil é feito de muito conhecimento teórico, técnico e metodológico. Deve apresentar diversas habilidades conquistadas pela prática profissional e até pelas experiências pessoais. Precisa ter disposição para “entrar” no universo da criança, com suas gírias, modas e ídolos do momento. Deve ter tranquilidade para realizar atividades que o exponham como pessoa (por exemplo, deve comportar-se, em alguns momentos, como criança). Tudo isso exige tempo e muito esforço. Para desenvolver todos esses requisitos, recomenda-se uma consistente formação em análise do comportamento e supervisões específicas sobre terapia infantil. A terapia pessoal contribui para o desenvolvimento de habilidades que nem sempre estão presentes. E, por fim, a prática, que nos torna melhores e cada vez mais criativos para atender esse público. ■

Referências bibliográficas

Conte, F. & Regra, J. (2000) em: E. F. M. Silvaes (Org.), Estudos de caso em clínica comportamental infantil (vol. 1, pp 79-136). Campinas, SP: Papyrus.

Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1987). Functional analytic psychotherapy. In N. S. Jacobson (Org.), Psychotherapists in clinical practice: cognitive and behavioral perspectives (pp.388-443). New York: Guilford Press.

Joana Singer Vermes é coordenadora e professora do Curso de Formação em Terapia Analítico-Comportamental infantil, professora e supervisora do Curso de Especialização em Clínica Analítico-Comportamental do Paradigma. Psicóloga clínica.

formação em
**INTERVENÇÃO PARA CRIANÇAS COM
DESENVOLVIMENTO ATÍPICO PELO MÉTODO ABA**

coordenação
MARIA CAROLINA CORREA MARTONE

temas abordados

- Distúrbios infantis do desenvolvimento
- O papel da análise do comportamento aplicada ao ensino de habilidades básicas para indivíduos diagnosticados com problema ou atraso no desenvolvimento
- Intervenção precoce e ABA como instrumento na intervenção precoce
- Ensinando novas habilidades e enfraquecendo comportamentos indesejados
- Selecionando reforçadores que funcionem com a criança
- Sugestões para reforçadores e avaliação de preferências
- Análise de funções do comportamento e métodos para conduzir avaliações funcionais
- Ajudas e dicas
- Técnicas para o ensino de repertório verbal
- *Match to sample*
- Construindo um currículo / análise de tarefa
- Orientação para pais e escolas
- *Incidental teaching*

data

De 13/08/2009 a 26/11/2009

[dezesseis encontros semanais]

13, 20 e 27/08; 3, 10, 17, 24/09;

1, 8, 15, 22 e 29/10; 5, 12, 19, 26/11

horário

quintas-feiras, das 19h às 22h

carga horária

48 horas



serviço de INTERVENÇÃO PARA CRIANÇAS COM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO PELO MÉTODO ABA

A multiplicidade de sintomas e de fatores que interferem no desenvolvimento de uma pessoa autista exige métodos de avaliação e intervenção que respeitem as características individuais e, ao mesmo tempo, sejam embasados em uma tradição de estudos científicos.

Seguindo as diretrizes de um programa ABA de qualidade, nós do Núcleo Paradigma elaboramos um programa individualizado e planejado para cada cliente - a equipe é habilitada e supervisionada continuamente, pais e professores são preparados pela equipe para a implementação dos procedimentos nas residências, escolas e comunidade, de modo a proporcionar um atendimento integral à pessoa.

Coordenação de Maria Carolina C. Martone e Daniel Del Rey

informações

aba@nucleoparadigma.com.br

 núcleo
paradigma
análise do comportamento

Rua Wanderlei, 611
Perdizes - São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732

Análise do comportamento e desenvolvimento atípico

A Análise Aplicada do Comportamento no manejo dos problemas de aprendizagem

Maria Carolina C. Martone

A Análise Aplicada do Comportamento¹ desenvolve, desde a década de 60, centenas de pesquisas que têm ajudado a construir uma ampla variedade de habilidades importantes na redução de problemas de comportamento em indivíduos com autismo e outros transtornos do desenvolvimento e aprendizagem. As intervenções ocorrem em uma variedade de ambientes, tais como nas escolas, residências, clínicas e hospitais. O ensino de novas habilidades de linguagem, sociais, acadêmicas, recreativas, além do enfraquecimento de comportamentos autoagressivos e estereotipados, têm sido o foco das intervenções.

O método ABA não é um conjunto de programas formatados e prontos para serem aplicados em todas as pessoas da mesma forma. Ao contrário, as etapas da intervenção são delineadas para cada pessoa individualmente a partir de suas necessidades, interesses, preferência e contexto familiar.

O método ABA não é um conjunto de programas formatados e prontos para serem aplicados em todas as pessoas da mesma forma. Ao contrário, as etapas da intervenção são delineadas para cada pessoa individualmente a partir de suas necessidades, interesses, preferência e contexto familiar. Desta forma, um programa ABA elaborado para uma pessoa tende a ser bastante

diferente do de outra. Entretanto, o programa apresenta características comuns:

- Avaliação detalhada das habilidades de cada pessoa para determinar as metas iniciais da intervenção;
- Seleção de metas que tragam significativa melhora da qualidade de vida para o indivíduo, bem como da família;
- Programas elaborados para desenvolver habilidades em diferentes áreas: comunicação, habilidades sociais, de autocuidado, de brincar, motoras e acadêmicas;
- Criação de muitas oportunidades para que o cliente pratique, tanto de forma planejada, quanto natural, as habilidades ensinadas diariamente, várias horas por semana;
- Ensino de habilidades por meio de pequenos passos que sejam manejáveis para a pessoa, e apresentados da forma mais simples para a mais complexa;
- Uso abundante de reforço positivo para que o ambiente de ensino se torne afetivo e motivador;
- Registro diário dos programas realizados para posterior análise dos dados de progresso do cliente;

- Foco no desenvolvimento de habilidades que tornem o indivíduo o mais independente possível, tanto no curto quanto no longo prazo e
- Orientação frequente aos pais com o ensino de várias técnicas que os ajudem a potencializar as habilidades trabalhadas pelo terapeuta e torne a convivência familiar mais harmônica.

Salientamos ainda, que ABA é uma tecnologia já muito bem desenvolvida e conceituada para maximizar o aprendizado. Ela guia o terapeuta/professor a maximizar o ensino, sempre em uma relação 1:1, cujo objetivo é garantir um aprendizado eficiente e duradouro. Alguns profissionais criticam o método ABA porque o consideram uma forma de ensino pouco natural e muito sistematizada. Ao contrário porém, o programa ABA é um processo que ensina o indivíduo como aprender e procura desenvolver habilidades básicas e pré-requisitos que promovam uma adaptação cada vez mais natural da pessoa em seu meio, tornando-a integrada e capaz de seguir sua vida com maior independência.

O evento mais desfavorável que pode acontecer a uma criança autista, por exemplo, é seus pais ou professores manterem a ilusão de que ela pode aprender como qualquer um de seus colegas. Consideremos, por exemplo, o desenvolvimento de uma criança típica cujo o aprendizado de uma enorme quantidade de conhecimentos se dá em um curto espaço de tempo, versus o aprendizado de uma criança autista que ainda não desenvolveu pré-requisitos fundamentais para compreender o mundo ao seu redor. O ponto central a ser ressaltado aqui, é que estas crianças não irão aprender tais pré-requisitos de uma forma “natural” como crianças típicas da mesma idade. Vejamos o seguinte exemplo:

Vamos supor que, na escola, o professor esteja falando sobre como os ovos de uma galinha viram pintinhos após serem chocados. Vamos considerar então, quais são alguns dos os pré-requisitos necessários para que essa lição seja entendida, ou seja, o que estas crianças já devem saber para entender sobre ovos e pintinhos:

- Que pintinhos e galinhas pertencem à categoria dos animais, mais especificamente das aves;
- A ideia de que uma coisa pode se transformar em outra;
- Sequência de eventos;
- Passado versus presente.

E estes são apenas alguns dos conhecimentos anteriores necessários. Elas também terão, por exemplo, que já ter desenvolvido a habilidade manter contato visual e de prestar atenção ao professor. Assim, esperar que uma criança que ainda não tem esses pré-requisitos desenvolvidos aprenda “naturalmente” é um equívoco. Boa parte das crianças autistas terão primeiramente que aprender a ficar sentadas, escutar o outro, a pedir, mesmo que por gestos, a reconhecer o ambiente no qual estão inseridas, seguir instruções, entre tantas outras coisas que são essenciais em um processo de aprendizagem.

Quando trabalhamos com o método ABA, seja com crianças autistas, ou com outros casos de dificuldades de aprendizagem, temos por meta fortalecer habilidades existentes e estabelecer aquelas ainda não desenvolvidas. Para tanto, a intervenção envolve arranjar o ambiente de modo que o cliente tenha múltiplas e repetidas oportunidades para aprender e praticar as habilidades adquiridas durante cada dia, em meio a um contexto de ensino acolhedor e afetivo, baseado na aprendizagem por reforço positivo.

Finalmente, gostaríamos de salientar o conceito de aprendizagem sem erro utilizado no sistema ABA. Aprendizagem sem erro significa garantir que seja dada a resposta correta à criança em cada etapa do programa ou tarefa em execução. Para tanto, utilizamos um sistema de dicas (*prompts*) que vai da ajuda máxima para a ajuda mínima. Ou seja, começamos com a maior dica disponível e gradualmente a esvanecemos para dicas menos evidentes, até retirá-las completamente.

As dicas dentro deste sistema de ajuda podem ser físicas, gestuais, verbais ou ainda do tipo modelação. Cada tipo de ajuda é selecionado dependendo do grau de desenvolvimento da pessoa e do tipo de programa que será executado. Podemos dizer, assim, que aprendizagem sem erro significa que o aluno dará muitas respostas corretas (não cometerá muitos erros) e, portanto, o valor de fugir da situação de aprendizagem diminuirá, tornando o processo de aprendizagem motivador para a criança e, por conseguinte, pouco aversivo.

No Núcleo Paradigma, trabalhamos com o método ABA por acreditarmos na sua eficácia na construção e desenvolvimento de um grande leque de competências importantes para o cliente, bem como no enfraquecimento de problemas comportamentais quando necessário. Além da elaboração de um currículo individualizado, a equipe que trabalha com o aluno é habilitada e supervisionada continuamente, e pais e professores são preparados pela equipe para a implementação dos procedimentos nas residências, escolas e comunidade. ■

Referências bibliográficas

ABC Real .Disponível em <http://autismoescolaaba.org/ABA.html>. Acesso em 18 de maio de 2009

Cambridge Center for Behavioral Studies (CCBS). [Applied Behavior Analysis for Autism](#). Gina Green, PhD, BCBA San Diego State University and the University of North Texas Board of <http://www.behavior.org/autism>. Trustees. Disponível em . Acesso em 30 de maio de 2009.

[Alexandra Rothstein. Frequently Asked Questions about Applied Behaviour Analysis](#). Disponível em <http://www.alexandrorothstein.com/resources.html#5>. Acesso em 15 de maio de 2009.

1 A Análise do Comportamento é um campo de saber, no interior do qual se articulam conteúdos filosóficos, empíricos e aplicados. Dentro deste sistema, a Análise Aplicada do Comportamento tem se dedicado ao desenvolvimento de tecnologias de caráter analítico-comportamental para a solução de problemas, especialmente nas áreas de educação regular e especial. TOURINHO, E. Z. (1994). *Behaviorismo radical, representacionismo e pragmatismo: uma discussão epistemológica do pensamento de B. F. Skinner*. São Paulo. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Serviço de Atendimento a pessoas com problemas globais do desenvolvimento e aprendizagem do Núcleo Paradigma

Coordenação

Maria Carolina C Martone é mestre em Psicologia Experimental pela PUC-SP e cursou residência no centro para crianças autistas The New England Center For Children (NECC) MA,USA em 2007/2008. Contato: carolina.martone@uol.com.br

Daniel Del Rey é mestre em Psicologia Experimental pela PUC-SP e tem-se dedicado a pesquisar e intervir com crianças e adolescentes que apresentam desenvolvimento atípico.

Contato: danieldelrey@bol.com.br

História de vida

Dra. Rachel Rodrigues Kerbauy

Atentos aos nossos mestres, que nos ensinaram a prestar atenção às lições de nossa própria história, neste Boletim Paradigma, trazemos mais uma edição do História de Vida. A convidada desta edição é a Dra. Rachel Rodrigues Kerbauy, cuja trajetória é um modelo de dedicação e paixão pelo conhecimento. Reconstruir em texto esta trajetória é uma tarefa árdua: são aproximados 50 anos de profissão, carregados de histórias, contribuições, construções e desbravamentos em um campo profissional até então incipiente no Brasil.

O presente texto foi baseado em informações fornecidas pela própria Dra. Rachel que se disponibilizou para uma entrevista e forneceu materiais e publicações.

O caminho profissional de Rachel Kerbauy teve início na formação superior em pedagogia (o curso de psicologia ainda não era regulamentado). Por conta dessa formação, Rachel trabalhou, por muitos anos, como professora de curso Normal. Sobre esta época, a professora destaca que se divertiu e aprendeu muito, antes de “fincar o pé” na Psicologia. Nesse período, Rachel participou da construção de cartilhas didáticas e desenvolveu métodos de alfabetização, experiência que conside-

ra fundamental para sua formação, pois lhe permitiu uma visão diferente sobre ensino. Relembrando esta primeira etapa de sua vida profissional, Rachel conta: “Fiz o curso Normal. Havia possibilidade de trabalho e salário razoável para a época. O professor era valorizado e o ensino era fascinante por mostrar como ensinar. Saí do normal e quis continuar a estudar, fazendo faculdade de pedagogia. Fui para o *Sedes Sapientiae* e não prestei outro vestibular. Encontrei madre Cristina, que ensinava de maneira fascinante. Ela faz parte de minha “santíssima trindade”, juntamente com Fred S. Keller e Rodolpho Azzi. Todos eles tinham em comum a forma de ensinar fazendo perguntas e as aulas estimulantes, que incentivavam o aluno a viver as suas ideias.”

Foi então que, após algum tempo de experiência na docência, Rachel saiu em busca de um curso que completasse seu conhecimento. Descobriu, na USP, um professor americano que estava dando um certo “curso de ratinho”. Como não havia muitas opções na época, entrou em contato com o professor Rodolfo Azzi, a quem pediu autorização para fazer parte da turma. O docente do curso era Guil Sherman, que, na ocasião, substituiu o professor Keller.

Rachel frequentou o curso, e afirma orgulhosa que era “uma das poucas alunas que tinha o livro!”. Sobre esse período, Rachel nos conta: “Descobri as explicações que procurava já na segunda aula, sobre reforço secundário, em que o rato e o professor trabalhavam em conjunto: um na caixa experimental e o outro explicando. Compreendi, nesse instante, as razões pelas quais os homens faziam coisas. Precisava estudar isso!”

Pouco tempo depois, foi o mesmo professor Rodolpho que a apresentou ao professor Keller. Juntos, eles a convidaram para cursar a pós-graduação – o mestrado – em Brasília. Foi então que, na UnB, Rachel teve a oportunidade de ser monitora do curso de graduação em psicologia que estava sendo construído.

Depois da experiência na UnB, Rachel volta para São Paulo e reinicia o mestrado na USP. Em seu mestrado, dá continuidade ao trabalho que desenvolveu em Brasília, junto com Jean Nazzaro, no qual estudou o procedimento de discriminação com 192 crianças deficientes e normais e que foi publicado, em 1962, no *Jornal Brasileiro de Psicologia*. Sua tese de doutorado foi defendida em 1973 – Um estudo sobre autocontrole: condições antecedentes e conseqüentes do comportamento alimentar, que foi publicado em 1977, com o mesmo título, na *Revista Psicologia*.

Rachel conta, com pesar, sobre a grande dificuldade que existia para se publicar nessa época. Talvez essa tenha sido uma das motivações para criar, em 1999, a *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, quando era presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental. Sobre a Revista, Rachel conta as razões que a motivaram: “a sociedade [ABPMC] já estava madura e faltava lugar para publicar tudo, pesquisa, básica, pesquisa aplicada e sem a divi-

são entre comportamental e cognitivo”. Rachel, mais uma vez desbravadora, revelava a preocupação com o suporte para um trabalho clínico consistente.

Retomando a história de Rachel, entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970, concomitantemente à sua pós-graduação, ela voltou a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do *Sedes Sapientiae*, agora como professora da disciplina de Psicologia Experimental, que era uma opção de aprofundamento do curso, no mesmo *status* de “clínica”, “trabalho” ou “educação” – um grande avanço para a época. Nesta ocasião, além de desenvolver o laboratório de psicologia experimental com pombo e um manual de laboratório para o estudo com estes sujeitos experimentais, atendeu, juntamente com as alunas da disciplina, seu primeiro caso clínico: o caso “Quelita”. Rachel descreve que as alunas observavam a criança em casa, enquanto a professora – a própria Rachel – fazia observações na escola, e a intervenção era realizada com os pais. Depois de algum tempo lecionando esta disciplina, montou no próprio *Sedes*, uma especialização em Modificação do Comportamento. O programa do curso, relembra Rachel, foi montado a partir de uma pesquisa que fez sobre a demanda da região, ou seja, a partir da identificação dos problemas trazidos, identificados após um levantamento das fichas de entrada de clientes da clínica do *Sedes Sapientiae*. Ainda no *Sedes*, criou um curso de Treino de Paraprofissionais – professores, enfermeiros etc. Neste curso, os alunos desenvolviam um programa para treinar profissionais de outras áreas em suas atribuições, de modo a potencializar o acesso da população aos serviços.

Ao longo de sua trajetória, Rachel afirma que sempre foi em busca do novo, e se algo lhe parecia interessante, ia buscar o conhecimen-

to onde quer que fosse... Enveredou-se pelas mais diferentes áreas, incluindo a saúde, a clínica, o ensino e a pesquisa, o que envolveu muitas viagens de estudo e trabalho para o exterior, principalmente para os EUA.

Como um exemplo disso, Rachel conta que, quando começou a trabalhar com Psicologia da Saúde e estudar o comportamento de risco de pacientes cardíacos (e aqui foram sete anos trabalhando com saúde, em beira de leito de hospital), foi para a Carolina do Norte estudar (período em que ficou hospedada na casa do próprio Fred Keller).

A professora afirma que a única coisa que lamenta não ter feito foi ter estudado com Goldiamond¹, o qual descreve como um modelo: “queria escrever como ele, fácil, legível e com muitas ideias”.

Como um dos mais recentes projetos, Rachel cita a criação, na USP, no ano de 1999, do Curso de especialização em Terapia Comportamental e Cognitiva. Afirma que deve à USP, ao CNPq e à FAPESP o apoio ao seu trabalho, instituições que lhe deram suporte por meio de verbas para estudos e condições de desenvolver pesquisas.

Vale destacar ainda o legado deixado por Rachel na orientação de trabalhos de pós-graduação. Durante todo seu percurso na USP, foram muitas as orientações de alunos em nível de Mestrado e Doutorado, além de muitos cursos ministrados e pesquisas desenvolvidas. Diversos ex-alunos atuam hoje em importantes instituições de ensino.

Quanto à aposentadoria, Rachel afirma, incansável, que não representa um ponto final em sua carreira: “os outros é que te aposentam”. Atualmente, atende em seu consultório parti-

“Eu acredito na consequência, acredito na análise do comportamento, a qual tenho como filosofia de vida. Busco sempre identificar os problemas e o ambiente e lidar com eles.”

cular, e continua estudando muito, lendo muito (participa inclusive de um clube de leituras) e se divertindo com a vida.

A família, que, junto com o trabalho, sempre foi uma de suas prioridades, continua sendo uma fonte de muitos reforçadores (tem três filhos e quatro netos e adora ficar com eles e com o marido).

Veremos ainda mais contribuições da professora Rachel no Congresso da ABPMC de 2009, no qual apresentará uma conferência e uma sessão de Primeiros Passos.

Com um sabor de trabalho inconcluso, dado o pequeno espaço para contar uma trajetória tão rica e cheia de nuances, encerramos esta breve história com as palavras da própria Rachel: “Eu acredito na consequência, acredito na Análise do Comportamento, a qual tenho como filosofia de vida. Busco sempre identificar os problemas e o ambiente e lidar com eles.” ■

1 Israel Goldiamond (1919 – 1995) foi Professor Emérito de Psiquiatria e Psicologia e um pioneiro no campo da psicologia experimental do comportamento. Desenvolveu métodos para avaliar comportamentos humanos e animais e para a aplicação desse conhecimento para o comportamento humano. Trabalhou e pesquisou ativamente na área da saúde, estudando e tratando comportamentos em excesso, tabagismo, gagueira e outros.

O Projeto **Cinema Paradigma** foi criado com o intuito de abrir as portas do **Núcleo Paradigma** para a comunidade, oferecendo um pouco dos conhecimentos da psicologia, especialmente da Análise do Comportamento, para a compreensão dos fenômenos do cotidiano. Ao mesmo tempo, representa uma atividade de responsabilidade social, que contribui mensalmente com donativos para entidades assistenciais da região.

O Cinema Paradigma utiliza filmes como meio de reflexão e interpretação de temáticas relevantes, sob a ótica da Teoria Analítico-Comportamental. A partir da apreciação de boas obras do cinema, profissionais de destaque na Análise do Comportamento contribuem com suas discussões sobre temas de nossa cultura e sociedade representados em tais produções.

As sessões ocorrem mensalmente, e a inscrição é um quilo de alimento não-perecível, ou uma lata de leite em pó. Como as vagas são limitadas, solicitamos que os interessados se inscrevam com antecedência no site do Núcleo Paradigma.

Confira as datas no site:
www.nucleoparadigma.com.br

cinema



paradigma

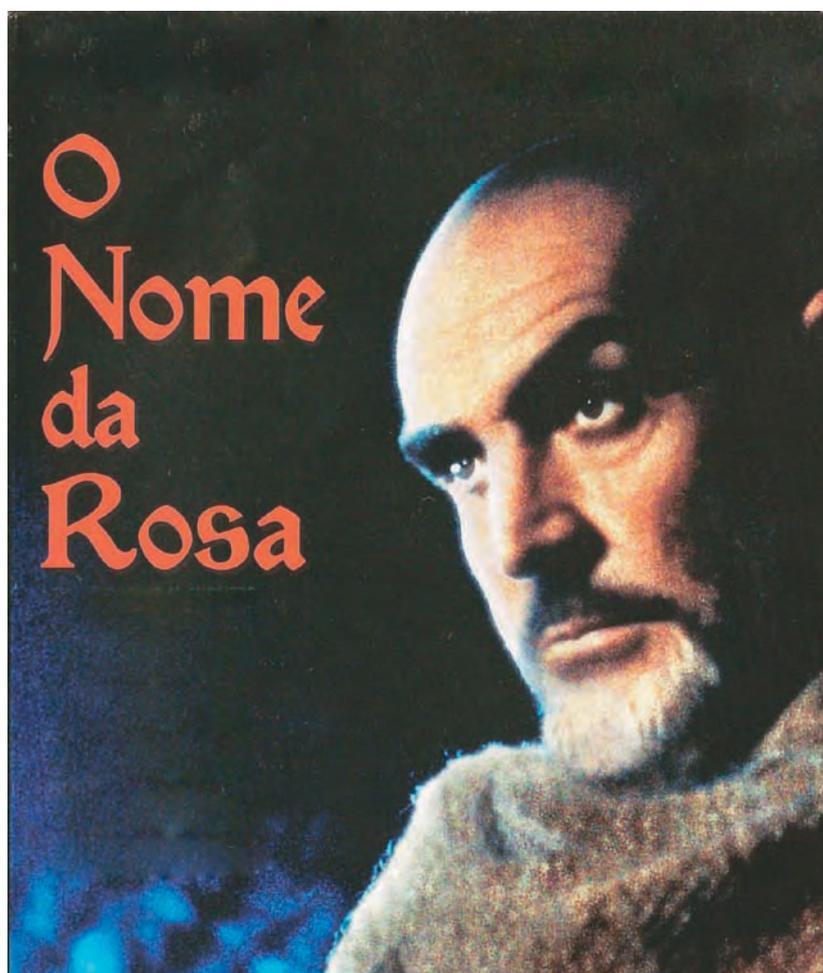


núcleo
paradigma
análise do comportamento

Comportamento em cena

Comportamento e cultura em “O Nome da Rosa”

Ricardo Corrêa Martone



O filme “O Nome da Rosa”, baseado no livro homônimo de Umberto Eco, conta a história de estranhas mortes que começam a ocorrer num mosteiro beneditino italiano no ano de 1327 que abrigava, à época, a maior biblioteca de toda a cristandade. O monge franciscano William de Baskerville, interpretado pelo ator Sean Conery, é chamado pelo abade do mosteiro para investigar as inusitadas mortes e descobre que todos os mortos foram encontrados com a língua e as pontas dos dedos roxos. O noviço e assistente de William, Adson de Melk, interpretado pelo ainda adolescente Cristian Slater, é o narrador da história. Adson relata, depois de décadas, os sete dias em que passou no mosteiro italiano ao lado de William, lembrando também o único e verdadeiro amor por uma mulher que teve em toda sua vida.

Os monges atribuem as estranhíssimas mortes a causas sobrenaturais, como se fossem o resultado de forças demoníacas libertadas dentro do mosteiro. Após a chegada da Inquisição ao mosteiro, todavia, culpam-se possíveis monges hereges que serão queimados vivos. No entanto, William, monge com viés muito mais científico do que religioso passa a investigar os acontecimentos que circundam as mortes. William se utiliza da observação como forma de conhecer a realidade, ou seja, é por intermédio da conexão entre fatos observáveis que a verdade poderá surgir. Vale ressaltar, ainda, que a observação constitui uma das principais etapas do conhecimento científico. Assim, William conclui que os assassinados foram, na verdade, não vítimas de hereges, mas sim, morreram ao tentar ler um livro misterioso guardado na monumental biblioteca que conserva preciosidades da história do pensamento humano, sobretudo obras do mundo greco-romano. Um livro em especial, de exemplar único em todo mundo, desperta a cobiça dos monges. Trata-se

do segundo volume da Poética de Aristóteles, obra desconhecida até então, no qual o autor faz profunda reflexão chegando mesmo a construir uma apologia do riso, ato que era inaceitável para a igreja na Idade Média que ligava o riso ao diabo. A obra sobre a comédia dizia ser o riso e a sátira remédios milagrosos e que a representação exagerada dos defeitos, vícios e fraquezas purificava as paixões, como acontece, por exemplo, num processo de catarse. O monge mais velho do mosteiro, Jorge, é o responsável pelas sete mortes, pois é ele quem embebe as pontas das folhas do livro com veneno mortal. Assim, todos aqueles que o folheiam e levam as pontas dos dedos até os lábios para facilitar a virada das páginas, morrem envenenados.

Três grandes temas abordados no filme merecem atenção: *o conhecimento, a religião e a sexualidade*. Em cada um deles, podemos observar os valores de uma época que influenciam o comportamento das pessoas. Obviamente não estamos falando de valores abstratos, sem qualquer conexão com a realidade. Ao contrário, todos os valores de uma época são o resultado da interação dos comportamentos de inúmeras pessoas.

O conhecimento

Para nós, analistas do comportamento, conceitos como “conhecimento”, “pensamento”, “consciência”, etc, significam muito mais quando colocamos a ação no lugar do próprio conceito. Assim, falar em “conhecer”, “pensar” e “ter consciência” remete-nos a situações que vivemos a todo instante: quem é que não conhece alguém ou algo cotidianamente? Não estamos o tempo inteiro pensando? Não tomamos consciência das coisas sempre?

Voltando ao nosso filme, “conhecer” na Idade Média era uma categoria comportamental disponível a pouquíssimas pessoas, em

especial, o clero. Aos monges, padres, frades, bispos, arcebispos e cardeais cabiam a preservação da herança cultural dos antepassados, assim como sua perpetuação. A grande maioria dos outros agentes sociais não tinha acesso ao conhecimento (produto do conhecer), quer por falta de repertório apropriado (eram iletrados), quer por serem passíveis de punição. O emblemático exemplo desta situação é a biblioteca do mosteiro, guardada “a sete chaves” pelos monges. Aristóteles, em seu livro “proibido”, refletia sobre as possibilidades humanas do riso e da felicidade, possibilidades estas extremamente perniciosas num mundo dominado pela religiosidade e que pregava a penitência física como caminho para o paraíso. Àqueles que ouzassem lê-lo, a morte os encontrava. Portanto, conhecer possibilita o acesso a uma segunda categoria de comportamento denominada “possuir ou ter o poder”.

A religião

Nosso segundo tema, também abordado no filme, é a religiosidade. A história se passa dentro de um mosteiro beneditino e, evidentemente, a religião é um tema predominante. Entretanto, o domínio da igreja católica durante toda a Idade Média é surpreendente, produzindo contingências bem específicas relacionadas às leis e dogmas católicos. A punição por infringir a lei não vinha somente por algum tipo de admoestação moral ou medo da danação eterna, mas sim, pessoas que não se alinhavam ao pensamento religioso dominante eram torturadas e, muitas vezes, pagavam com a própria vida diante dos tribunais da Santa Inquisição. É nesta época que as figuras de Satã e do inferno ganham força. Tal força povoará, no futuro, a imaginação e a vida de todas as gerações de pessoas do mundo ocidental.

A sexualidade

Este último tema não se constitui um tabu somente na Idade Média. Na verdade, a sexualidade, na grande maioria das vezes, sempre foi um problema. Talvez, o que diferencie uma época da outra seja o grau ou intensidade de consequências punitivas para o indivíduo que se comporte fora dos padrões sexuais considerados normais num determinado grupo. Em “O Nome da Rosa” o comportamento sexual de alguns monges torna-se emblemático de um fenômeno que sempre acompanhou as inúmeras sociedades que já existiram sobre a face da Terra: publicamente deve-se comportar de acordo com os modelos sociais considerados corretos, privadamente, quando o agente punitivo não está presente, vale tudo. Em algumas cenas do filme, observamos monges cobiçarem sexualmente seus colegas e práticas homossexuais nos porões do mosteiro. A demonização da figura feminina, como um ser ardiloso, capaz de levar o homem ao pecado e ao inferno eternamente, também está presente. Como se ainda não bastasse, uma terrível forma de comportamento para lidar com os efeitos de consequências aversivas (culpa) foi desenvolvida pela humanidade: a autoflagelação. No filme, observamos também esta categoria.

Enfim, “O Nome da Rosa” é um filme que merece ser visto e um livro que deve ser lido. Questões como as apontadas acima, e tantas outras, são expostas no filme e no livro levando-nos a questionar se muitos dos dilemas enfrentados pelos monges no século XIV ainda não estão entre nós. Para um cientista do comportamento, entender o ambiente social no qual o comportamento ocorre é fundamental e “O Nome da Rosa” nos ensina muita coisa. ■

Ricardo Corrêa Martone é membro do Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento

TEMAS INTRODUTÓRIOS EM TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

coordenação

FERNANDO ALBREGARD CASSAS
NICODEMOS BATISTA BORGES

principais temas tratados no curso

- O que é a terapia analítico-comportamental?
- Como a terapia analítico-comportamental lida com sentimentos e emoções?
- Como processos "mentais" são incorporados na terapia analítico-comportamental?
- A compreensão da dinâmica de funcionamento do cliente na perspectiva analítico-comportamental.
- Relacionamento terapeuta-cliente como ferramenta de mudança na terapia analítico-comportamental

O curso visa apresentar uma introdução a temas importante para o início da prática clínica analítico-comportamental

público-alvo

Estudantes de psicologia, residentes em psiquiatria, psicólogos e psiquiatras

datas

05/09; 07/11; 12/12; 19/12

horário

das 8h30 às 12h30

Prêmio paradigma

O Prêmio Paradigma de Análise do Comportamento foi criado para incentivar a produção acadêmica em análise do comportamento. Em sua segunda edição recebeu a inscrição de trabalhos apresentados e defendidos no ano de 2007. No total, 3 teses de doutorado, 15 dissertações de mestrado, 3 monografias de cursos de especialização e 7 trabalhos de conclusão de curso concorreram à premiação.

A comissão julgadora foi composta por 90 expoentes da comunidade de analistas do comportamento que atenderam ao nosso convite. Os cinco trabalhos melhor avaliados pela comissão julgadora em cada categoria receberam menção honrosa e foram apresentados em jornada científica que ocorreu em 27/06/09 na sede do Núcleo Paradigma. Em poucas vezes, durante uma jornada científica, foi possível observar um debate de tão alto nível sobre os trabalhos apresentados.

A programação da jornada contou ainda com uma palestra proferida pela Dra. Maria Martha Hübner, Presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, sobre “O comportamento verbal do cientista” (que está na íntegra neste Boletim) e a apresentação “hors concours” de Ana Lúcia Alcântara de Oliveira Ulian sobre seu trabalho vencedor da primeira edição do Prêmio Paradigma em 2008 “Uma sistematização da prática do terapeuta analítico-comportamental: subsídios para a formação” que não pôde ser apresentado naquela oportunidade. Foram premiados:

Trabalho de Conclusão de Curso

Primeiro colocado

“Formação de classes de estímulos equivalentes e a sua manutenção em idosos” de Leilane Antoniazzi, orientada por Camila Domeniconi na UFSCar.

Menções honrosas

“Efeitos do pareamento de estímulos auditivos e reforços específicos sobre a discriminação auditivo-visual em Macaco-Prego (*Cebus apella*)” de Camila Carvalho Ramos orientada por Carlos Barbosa Alves de Souza na UFPA

“Considerações sobre a medida de resultado na pesquisa clínica de psicologia” de Aline Gonçalves de Andrade e Taiana Grassi Lessa, orientadas por Denis Zamignani na USJT

“Testes de identidade generalizada com objetos em macaco-prego (*Cebus apella*)” de Rubilene Pinheiro Borges orientada por Carlos Barbosa Alves de Souza na UFPA

“Uma leitura behaviorista radical da terapia de aceitação e compromisso (ACT)” de Michael Terena Saban orientada por Denize Rosana Rubano na PUCSP

Monografias de Especialização

Primeiro colocado

“A relação entre comportamento respondente e fisiologia na obra de B. F. Skinner” de Jan Luiz Leonardi orientado por Yara Claro Nico no Núcleo Paradigma

Menções honrosas

“Desenvolvimento de um sistema de categorização do enfoque das intervenções do terapeuta” de Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto, orientado por Nicodemos Batista Borges e Denis Roberto Zamignani no Núcleo Paradigma

“Supressão condicionada: contribuições da pesquisa básica para a prática clínica” de Paola Bisaccioni, orientada por Yara Claro Nico no Núcleo Paradigma

Categoria Mestrado

Primeiro colocado

“Avaliação da eficácia de um programa suplementar para o ensino de leitura e escrita aplicado em ambiente escolar” de Thaíze de Souza Reis orientada por Deisy das Graças de Souza na UFSCar

Menções honrosas

“Resposta de observação e movimento dos olhos em uma tarefa de discriminação simples simultânea” de Peter Endemann, orientado por Gerson Yukio Tomanari na USP

“Movimentos dos olhos e topografias de controle de estímulos em treino de discriminação condicional e testes de equivalência” de William Ferreira Perez, orientado por Gerson Yukio Tomanari na USP

“Um estudo sobre o conceito de “prestar atenção” na análise do comportamento de B. F. Skinner” de Bruno A. Strapasson, orientado por Kester Carrara, na Unesp Bauru

“O estudo do desamparo aprendido em função de dois estímulos aversivos: jato de ar quente e choque elétrico” de Thrissy Maestri, orientada por Maria Helena Leite Hünziker, na USP

Teses de Doutorado

Primeiro colocado

“Psicoterapia analítico-comportamental com

adolescentes infratores de alto risco: modificação de padrões antissociais e diminuição da reincidência crimina” de Giovana Veloso Munhoz da Rocha, orientada por Sonia Beatriz Meyer na USP

Menções honrosas

“Classes de comportamentos profissionais que compõem a formação do psicólogo para intervir, por meio de pesquisa, sobre fenômenos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares nacionais para cursos de graduação em psicologia e da formação desse profissional” de Juliane Vicili orientada por Olga Mitsue Kubo e Sílvio Paulo Botomé na UFSC

“Classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares, da formação desse profissional e de um procedimento de decomposição de comportamentos complexos” de Nádia Kienen, orientada por: Sílvio Paulo Botomé e Olga Mitsue Kubo na UFSC

Houve ainda uma premiação para a melhor apresentação da jornada, apontada por todos dos ouvintes da plateia, para a qual William Perez Gomes e Thrissy Maestri foram os indicados.

Os Prêmios em dinheiro foram entregues aos primeiros colocados (R\$ 1.500,00 para doutorado, R\$ 1.000,00 para mestrado, R\$ 800,00 para monografia, R\$ 500,00 para trabalho de conclusão de curso e R\$ 200,00 para melhor apresentação oral), e todos os participantes que apresentaram seus trabalhos em formato oral ou painel receberam um exemplar do livro “Subjetividade e Relações Comportamentais” de Emmanuel Zagury Tourinho. ■

Revista Perspectivas em Análise do Comportamento

O Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento, dando prosseguimento ao seu compromisso com a pesquisa e divulgação científica, está trabalhando na criação de um novo veículo de divulgação, discussão e reflexão. Trata-se de um periódico, intitulado *Perspectivas em Análise do Comportamento*, que será editado semestralmente *on-line* e terá como objetivo principal a publicação de artigos inéditos destinados à discussão de temas pertinentes à Análise do Comportamento e/ou ao behaviorismo radical. A revista contemplará análises sobre o desenvolvimento filosófico, conceitual, tecnológico e metodológico em Análise do Comportamento. Serão aceitos artigos em português, inglês ou espanhol, que apresentem análises críticas sobre um tema de *expertise* do(s) autor(es). Dentro desse corpo de interesses, relatos de pesquisa histórica, estudos teóricos, relatos de experiência profissional, revisões críticas da literatura, comunicações breves, cartas ao editor, notas técnicas, resenhas e traduções de textos clássicos serão aceitos para publicação. Dados de pesquisa empírica não serão o foco principal de *Perspectivas*, embora possam ser apresen-

tados para incrementação dos pontos de vistas apresentados. Pretendemos também divulgar notícias que poderão ser sugeridas pelos nossos futuros leitores ou a critério do corpo editorial. Cada número trará também uma entrevista com algum expoente da análise do comportamento nacional ou internacional.

Acreditamos que *Perspectivas* vem somar-se aos já tradicionais veículos de divulgação de nossa área, como a *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, a *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* e a série *Sobre Comportamento e Cognição*, ao estipular, como linha editorial, a ênfase em trabalhos reflexivos a respeito da prática do analista do comportamento, assim como de aspectos teóricos e históricos. A Revista conta ainda com um corpo editorial consistente, composto por profissionais que são referência em diferentes áreas de atuação da Análise do Comportamento. Veja a seguir os membros já confirmados.

A Comissão Executiva já está aceitando artigos para análise. Por enquanto, a submissão de artigos para publicação em *Perspectivas* pode ser realizada pelo endereço eletrônico perspectivas@nucleoparadigma.com.br. Todavia,

estamos trabalhando para facilitar e agilizar o processo de submissão, recebimento e análise dos manuscritos com a implementação do sistema SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas) que poderá ser acessado a partir do site do Paradigma <http://www.nucleoparadigma.com.br>. Em breve, o sistema já estará em pleno funcionamento.

Por fim, convidamos toda a comunidade de analistas do comportamento e afins para submeterem seus trabalhos para **Perspectivas**. Todos serão muito bem-vindos e estamos a disposição para quaisquer esclarecimentos!

Um grande abraço a todos

Comissão Executiva

Ricardo Corrêa Martone [Editor]
ricardo@nucleoparadigma.com.br

Nicodemos Batista Borges [Editor Associado]
nicoborges@nucleoparadigma.com.br

Roberto Alves Banaco [Editor Associado]
robertobanaco@nucleoparadigma.com.br

Jan Luiz Leonardi [Secretário de Editoração]
jan@nucleoparadigma.com.br

Conselho Editorial

Alexandre Dittrich
Universidade Federal do Paraná

Denis Roberto Zamignani
Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento

Emmanuel Zagury Tourinho
Universidade Federal do Pará

Francisco Lotufo Neto
Instituto de Psiquiatria, Universidade de São Paulo

Gerson Tomanari
Universidade de São Paulo

José Antonio Damásio Abib
Universidade Federal de São Carlos

Luc Vandenberghe
Universidade Católica de Goiás

Marcelo Benvenuti
Universidade de Brasília

Maria Amalia Pie Abib Andery
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Maria das Graças de Oliveira
Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília

Maria Martha Costa Hübner
Universidade de São Paulo

Nicolau Pergher
Universidade Presbiteriana Mackenzie e
Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento

Olga Mitsue Kubo
Universidade Federal de Santa Catarina

Sergio Vasconcelos de Luna
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Sonia Beatriz Meyer
Universidade de São Paulo

perspectivas

em análise do comportamento

2009 ■ vol.01 ■ n° 01 ■ ISSN 0000-000

- Análise do comportamento
- Behaviorismo radical
- Ciência do comportamento
- Práticas culturais
- Clínica analítico-comportamental
- Áreas de aplicação da análise do comportamento
- Ensino de análise do comportamento
- Interface com ciências biológicas
- Metodologia em análise do comportamento

especialização em

CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

curso credenciado junto ao Conselho Federal de Psicologia

coordenação

ROBERTO ALVES BANACO

YARA CLARO NICO

Corpo docente de altíssimo nível
(100% mestres ou doutores)

Grade de disciplinas coesa e concisa

Apresenta, de forma gradual, os conteúdos programados

Aborda, com profundidade, as bases filosóficas, teoria e técnicas da análise do comportamento

Visa ao desenvolvimento de habilidades para uma prática clínica sólida e consistente

Conheça os nossos planos de bolsa-pesquisa e bolsa-atendimento.

Abertura de turmas nos meses de agosto e fevereiro

informações

www.nucleoparadigma.com.br

núcleo
paradigma
análise do comportamento

Rua Wanderlei, 611
Perdizes São Paulo/SP
Tel. 11 3864 9732



núcleo
paradigma
análise do comportamento

www.nucleoparadigma.com.br